

Capítulo 1

Sempre que seu dia começava, Akeen só conseguia pensar numa coisa:

- Espero que hoje seja diferente — pensou Akeen, enquanto empurrava a porta do pequeno restaurante onde trabalha, o sino da porta tocou, e já dava para sentir o cheiro do café, já dava para ouvir um jazz tocando de fundo, dando aquele clima noir no local.

- Good morning, sunshine!!! — gritava o Chef, que a cada dia tentava nos surpreender com uma forma nova de nos receber, na esperança de que isso melhorasse a clientela, sempre com um uniforme diferente, um sotaque diferente, e o bigode de sempre.

E o cheiro de batatas fritas, hamburgueres, carnes assando, quebravam o cheiro de café, e isso era sinal de que a Hillary já havia chegado, e lá estava ela, na cozinha, atacando o prato como se a comida tivesse ofendido a família dela, era a mesma comilona de sempre, que sempre plantava uma dúvida na cabeça dos outros que a viam comer, “como ela continua magra?”.

— Se o Lázaro faltar hoje também, eu vou tatuar o nome dele num rato e soltar no carro dele — dizia ela com as bochechas cheias, já puxando outro prato para o recém chegado.

— Eu achei que você seria mais sutil nas vinganças, algo leve tipo facada, envenenamento, morte de um parente — disse Akeen, enquanto olhava preocupado com a receita para o infarto em seu prato.

— O Chef me proibiu de usar facas em seres ainda vivos, e envenenamento não funcionou nele — disse ela, enquanto anotava algo num guardanapo e guardava no bolso. — Você conhece algum parente dele?.

O sino da porta tocou e...

— Bonjour! Merci d’être venu! — gritou o Chef, feliz, enquanto todos olhávamos pra ele, confusos.

— Salut, merci! Alors, les affaires, ça roule aujourd’hui? — respondeu Bernardo de forma casual, entrando apressado, como sempre, com seu terno azul indigo, camisa branca e gravata vermelha de sempre.

— Ah, e-eu não sei francês, s-só queria ser diferente hoje — gaguejava o Chef, envergonhado.

— Aqui está, o de sempre — interrompeu Akeen, com uma marmiteira e uma tosta de queijo.

Bernardo agradeceu, pagou e levou a comida para comer enquanto caminhava.

— Que homem estranho — disse Neo, que até o momento ninguém havia notado. Estava num cantinho mal iluminado, de fones e sem tirar o olhar do monitor.

Quanto mais tarde ficava, mais cinza o dia se tornava e as luzes fracas e amareladas do restaurante colocavam em evidencia o clima de jantar a luz de vela. Quando, do nada, o telefone tocou. O Chef atendeu e...

— Akeen! Essa é pra ti — disse ele, depois de alguns “sins” e “nãos” ao telefone. — Temos uma entrega!

— Onde? — perguntou Akeen, já se preparando.

— Nhamtuto! — respondeu, enquanto escrevia o pedido num papel pra Hillary preparar. — Esse é bem longe daqui. Espero que chegue quente ainda.

— Ainda tem alguém vivo lá? — perguntou Akeen?

— Aparentemente.

Passados alguns minutos, Akeen saía com sua mochila de entregas rumo ao Nhamtuto, um bairro conhecido por sua degradação. Um bairro quase abandonado. Um bairro que nunca recebe novos habitantes. Um bairro que serve como espaço para queima de lixo — o cenário estava sempre decorado com cinzas, fumaça e chamas ao fundo. E, pra combinar com o ambiente, o barulho das máquinas servia de trilha sonora.

— Até poderia ir caminhando — pensou Akeen, enquanto contava as moedas no bolso. — Mas não dá pra manter a comida quente caminhando por sete quilômetros.

Depois de um tempo, Akeen desceu do transporte público, celular na mão, procurando o destino no meio daquele bairro abandonado.

— Acho que isso é uma casa — disse ele, parado em frente a uma casa quase caindo, e gritou.

— Com licença!

Mas não importava quantas vezes ele gritava: ninguém atendia. Então decidiu entrar no quintal e gritar mais de perto. Tinha algo estranho ali... algo que parecia sangue escorria por debaixo da porta. Isso chamou a atenção do Akeen. Ele decidiu abrir a porta e ver o que poderia estar acontecendo lá.

Assim que entrou...

— Quê isso?! — exclamou, diante de um cenário horrível. Havia umas três macas de hospital sujas de sangue, um balde com lençóis encharcados, com cadáveres por cima delas, materiais de laboratório, lixo, animais mortos, fluidos estranhos espalhados por todo lado, um cheiro pior que o de lá fora, cheiro de animais mortos, entre outros cheiros desconhecidos... e um enorme buraco na parede — Isso parece recente.

Ao se aproximar, ele viu um rastro de algo que parecia sangue ainda fresco com tons esverdeados. Seguindo a trilha de destruição que começava na parede, e seguia por entre as ruínas até um terreno que tinha como decoração pedregulhos, lixo, e resto do que pareciam ser casas, e viu no centro de tudo o que parecia ser uma luta. Era difícil de identificar no meio da fumaça, mas parecia como se tivesse um rapaz lutando contra uma criatura de dois metros ou mais, então decidiu se aproximar pra ver melhor. Talvez até ajudar.

Quando de repente uma silhueta na fumaça...

— Ah, você está aí. — disse Lázaro, escondido no meio dos escombros, observando a luta.

— Você? Aqui? — perguntou Akeen, se juntando a ele.

— Pois é, pois é. Eu investigava uns casos de sequestro que o Chef pediu, e me deparei com um cientista doido que sequestrava gente e fazia das vítimas cobaias — explicava ele, enquanto abria a mochila de comida que o Akeen trazia.

— Sério! E onde o cientista está? — perguntou Akeen, abrindo um pote de maionese.
— Ele tá ali — disse, apontando pra luta ao fundo. — É o gigante de jaleco.
— Deixa eu adivinhar... testou a criação em si mesmo e deu errado? — concluiu Akeen, comendo a comida que ele mesmo trouxe. — E quem é o outro?
— Riot. Aparentemente, estávamos atrás da mesma coisa, mas eu decidi deixar a luta com ele
— disse Lázaro, procurando por mais comida na mochila. — Acho que você devia ajudar.
— Naah, o Riot consegue.
— Aposto duzentos no gigante.
— Coloco quinhentos na derrota do gigante.

Enquanto o Riot dava sua vida naquela luta, esquivando, dando golpes que pareciam não fazer efeito, usando aparatos como mini-bombas, cordas até armas de choque, mas nada funcionava, e o tempo dele ficava escasso com o cansaço, falta de ideias, corpo arrebentado, enquanto por outro lado o gigante não diminuía o ritmo, era um soco atrás do outro, tentativas de agarrões, muitas delas com sucesso, com o Riot saindo por sorte e insistência, e mais uma vez o gigante balançou seu enorme braço, Riot foi arremessado e caiu perto dos dois espectadores.

— Não pensem em me ajudar — disse o Riot, exausto e todo quebrado. — Eu consigo sozinho.
— Saia já daqui! — pediu Lázaro carinhosamente, ajudando-o a levantar — Antes que o Hulk lá venha até aqui.
— Tô começando a achar que ele não consegue — disse Akeen, vendo o Riot partir rumo à sua possível derrota.

A luta que parecia uma preparação para o funeral do heroizinho, Riot continuou, seguindo para o segundo round, tendo perdido humilhantemente o primeiro, mas seu orgulho como lutador borbulhava dentro de si, tentava se concentrar e melhorar seus reflexos, enquanto pensava numa estratégia para acabar com a luta. Continuou usando suas bombas como distração, enquanto montava armadilhas na arena, mas o monstro nem se preocupava em evita-las, elas não tinham efeito, as bombas eram fracas, ele rompia as cordas de aço sem muito esforço e sua arma de choque só o deixavam ainda mais irado.

- Nada funciona! – pensou Riot, quase perdendo esperança, enquanto via seu ultimo rolo de corda de aço sendo rasgado pelo gigante.
- Tem certeza que não quer ajuda? – perguntou Lazaro.
- Não! – gritou Riot.
- E você luta agora? – perguntou Akeen, olhando confuso para o Lazaro.
- Quem? Eu não. Eu ia te inscrever para o próximo Round.
- Fico lisonjeado por você achar que consigo lutar com aquilo.

E enquanto eles conversavam despreocupados...

- Então é assim termina. – pensou Riot, exausto, vendo um soco com um punho de seu tamanho vindo em sua direção como um carro.

Riot foi lançado contra uma parede e a luta terminou da forma mais óbvia possível, o Riot no chão e desacordado, e o monstro que mais parecia um touro raivoso, olhou para dupla de preguiçosos, e partiu pra cima deles.

- Eu sabia que isso aconteceria – disse Lazaro enquanto procurava algo no bolso – Aqui, usa isto.
- E o que seria isto? – perguntou Akeen enquanto recebia uma seringa.
- O antídoto, estava na mesa dele cientista.
- E você tinha isso o tempo todo.
- Você colocou quinhentos na mesa, não podia perder, agora vai lá recuperar seu dinheiro.

Akeen se levantou, respirou fundo, segurou firme a seringa, esperou o momento certo e esquivou o primeiro golpe, e correu, atraindo o monstro para longe de seus companheiros, o monstro humanoide, seguiu, correndo e rugindo como um animal raivoso, parecia uma manada de búfalos, a cada passo era um tremor.

Akeen parou, esperou o momento certo para outra esquivada, o gigante, viu ele parado, aumentou sua velocidade, e investiu, Akeen esquivou por pouco, mas não conseguiu uma abertura.

Depois de muitas tentativas de achar uma abertura, depois de vários golpes inúteis, ele conseguiu uma abertura, quando o gigante tentou golpear e acertou o chão, Akeen escalou seu braço e montou no monstro, que não parava de se debater tentando alcançar o homenzinho em suas costas, e Akeen, tentando se manter firme como um domador de touros, conseguiu fincar a agulha em seu pescoço e colocou para dentro o antídoto no monstro.

- Consegui! – gritou de alegria, e com um certo alívio.

Mas o gigante não parou, e aproveitando-se da guarda baixa agarrou Akeen, e lançou-o contra o chão, ergueu seus dois braços, pronto para dar seu golpe final, quando por sorte e pela lei da inércia, o antídoto fez efeito, e o gigante com os braços para cima e com uma cara sonolenta caiu para trás.

- E Golias caiu! – gritou Lazaro.
- O que vamos fazer com ele? – perguntou Akeen exausto.
- Não é meu departamento, vamos deixá-lo aqui. Agora carregue o Riot, e vamos até o carro.
- Quem? Eu? Carrega você.
- Eu não quero me sujar com sangue.

Enquanto os dois discutiam, Riot acordou, aproveitou a distração deles e saiu dali.

- Ingrato. – Disse Lazaro ao perceber que Riot se foi.

Depois de ligarem para polícia para virem buscar o gigante que aos poucos diminuía de tamanho e voltava a se parecer mais com um humano, eles entraram no carro do Lazaro, e voltaram para o restaurante, saindo daquele ambiente degradante e barulhento.

- Não vai entrar? – perguntou Akeen, parado na entrada do restaurante, segurando a porta.

- Não, ainda tenho trabalho por fazer.
- Não é por medo da Hillary?
- Eu? Com medo de mulher? Nunca! – disse Lazaro visivelmente com medo, parecendo alguém lembrando de um momento traumático.
- Entra lá, o Chef a proibiu de usar facas, estás seguro agora.
- Ainda não parece seguro o suficiente.
- Você que sabe. – respondeu Akeen, enquanto entrava, e o no fundo o som do carro se afastando.
- Era Lazaro lá fora? – perguntou Hillary com um arco e flecha nas mãos pronta para atirar.
- Não, era um amigo meu. – mentiu Akeen, tirando a arma das mãos dela.
- Ah está bem então. – respondeu ela com um sorriso fofo como de uma criança inocente. – Ah sim, deixei algo para ti na cozinha, vamos comer antes que esfrie.

Depois de quase ter acabado com a dispensa do restaurante, chegou a hora de fechar, e como habitual, Akeen e Hillary, limparam e saíram, deixando o Neo e Chef sozinhos, e seguiram rumo a casa. Caminhavam por ruas iluminadas com postes, a cacimba servia como cortina, escondendo o que estava cinco metros em frente deles, e durante o caminho todo a Hillary falava de novas receitas que queria experimentar, e Akeen que já não queria nem ver um grão de arroz na sua frente, só concordava e seguia com a conversa.

- Ate amanhã. – disse Hillary, em frente seu destino, sua casa, uma casa bem bonita, com um jardim recheado de árvores fruteiras na frente, e uma pequena casa no fundo.
- Bons sonhos. – Respondeu Akeen, enquanto virava em direção sua casa, que ficava a quase um quilometro dali.
- Ah sim, quase me esquecia, seu casaco. – disse Hillary, enquanto tirava o casaco emprestado por Akeen.
- Obrigado. – respondeu Akeen, recebendo seu casaco.

Assim que Hillary entrou em sua casa, Akeen começou sua corrida até casa, na tentativa de diminuir a quantidade de calorias ingeridas naquele dia.